

**Ressonâncias do espírito livre no contexto educacional:
de como estabelecer vivências de si mesmo.¹**

Lúcia Schneider Hardt

luciashardt@gmail.com - UFSC

Resumo

O texto estabelece um diálogo com o leitor a partir de um dado ficcional: o Zaratustra de Nietzsche adentra a República de Platão e decide discutir a forma de viver nesse lugar. Os diálogos produzem um movimento que visa contrapor os argumentos platônicos com os nietzschianos para verificar em que medida os espíritos livres conseguem estabelecer vivências de si mesmo na cidade. O espaço é um lugar que dá ao ser humano razões para viver. Segundo Nietzsche é preciso perder o respeito pelo TODO. Talvez esse tenha sido o esforço de Zaratustra ao resolver adentrar o interior da República e nesse esforço faz sempre de novo um convite a todos nós para que, habitando espaços pretensamente assépticos e bem definidos, não nos deixemos capturar pelo todo/ordem, para, a exemplo do nosso protagonista, continuar indagando-se sobre configurações materiais e práticas que dizem serem as ideais.

Palavras-chave: Formação. Vivência. Espírito livre. Educação.

**Resonances of the free spirit in the educational context:
the experience of how to establish yourself**

Abstract

This text establishes a dialogue with the reader beginning with fictional data: *Zaratustra*, by Nietzsche, going into Plato's *Republic*, discussing the way of living in this place. The dialogues produce a movement that plans to counterpoint the platonic arguments with the nietzschian ones to verify to what extend the free spirits are able to establish ways of one's own living experiences in the city. Space is a place that gives human beings reasons for living. According to Nietzsche, it is necessary to lose respect for the WHOLE. This might have been the effort of Zaratustra while deciding to enter the Republic and, in this effort, there is an invitation to all of us to inhabit pretense aseptic and well defined spaces, we do not allow that the WHOLE captures us, so that, similarly to our protagonist, we are able to keep questioning us about the material and practical configurations sold as the ideals ones.

Key words: Formation. Living experience. Free spirit. Education.

Introdução

¹ O artigo é uma adaptação do texto apresentado na 32ª Reunião Anual da ANPED, em Caxambu/MG no período de 04 a 07 de outubro de 2009.

Imaginemos a República de Platão inaugurada. Pronta para se viver e aberta para todos os cidadãos. Seria a hora de pôr à prova sua concepção de cidade e de convivência. Aberta recebe todo e qualquer ser humano, mas eis que chega alguém inesperado. Um sujeito não concebido pela República inventada, mas que, independente disso, imagina-se que possa ser resgatado e devolvido para a cidade para então habitá-la plenamente.

Ocorre que a entrada desse sujeito não será tão tranquila e uma longa e turbulenta interação começa a ser desencadeada. Esse texto ainda que construído numa dimensão ficcional imagina dividir com o leitor embates possíveis, cotidianos, portanto reais que nos atravessam, tocam-nos e derrubam-nos em vários contextos familiares, institucionais, profissionais, políticos e educacionais.

Zaratustra, o sujeito inesperado, desce a montanha, onde estava isolado por opção e resolve voltar ao convívio coletivo. Cruza com a República de Platão e decide entrar e instalar-se. De imediato estranha as conversas que escuta na cidade. Em quase todo lugar, desde as falas mais corriqueiras até aquelas mais oficiais e protocolares, inexistem praticamente a conjugação do verbo no presente, pois os diálogos insistem com o futuro e o passado. Os habitantes do lugar falam do que não fizeram ainda na cidade e do que deverá ser feito. Dificilmente ouve-se um relato do vivido. Nesse insistente passado e futuro aparece um conteúdo sempre recorrente: o sensível e o inteligível. O novo habitante não entende muito bem do que se trata, mas parece que essas duas coisas não pertencem a um mesmo corpo, o que à primeira vista parece impossível. Mas todos estão convencidos de que um desses lugares é preferencial e de que é preciso caminhar nessa direção.

Uma cidade e sua dinâmica

Assim que chega à cidade, encontra uma grande multidão na praça pública onde seria apresentado um espetáculo de arte. Decide então iniciar um diálogo com as pessoas. Deseja conhecer as preferências, os gostos, os credos, mas deseja também provocar, anunciar outras possibilidades para viver que só começam quando nos enfatiamos da nossa própria felicidade, razão e virtude. Enquanto continuamos gulosos de nós mesmos e de nossas confortáveis convicções, ficamos capturados por um mundo artificial. Esvaziamos a possibilidade de viver experiências singulares, imprevistas, extravagantes.

Mas a memória da cidade está repleta de um nome: Sócrates. Um nome que produziu um método: encontrar o acordo entre o logos e as coisas. O método é o estabelecimento de perguntas e respostas, desejando atingir a definição das coisas. E as coisas para esse lugar se definem efetivamente, surgem leis, personagens, funções, arte e discurso. Deseja-se o acordo perfeito entre a coisa e a palavra para então alargar e preservar o mundo inteligível. Diante dessa primeira contemplação, diz Zaratustra:

- *Oh, homens desse lugar, “não são vossos pecados, mas vossa vã satisfação que clama aos céus é a vossa mesquinhez até do pecado que clama aos céus”.*

Num mundo duplo é imprescindível um profeta, um messias. Salvar o “mundo das Ideias” é tarefa para poucos, mas candidatos não faltam. Para superar a miragem da aparência sensível, salvar a ordem da desordem se faz necessário descobrir mediadores, intelectuais, filósofos. Faz-se necessário salvar os habitantes da cidade dos enganos, para que conheçam a verdade.

Zaratustra fica incomodado, não gosta do que vê, é arredo, especialmente quando a missão implica cuidar daquilo que pensamos e desejamos. Decide estabelecer o primeiro embate com a cidade. Seu primeiro enfrentamento é com os virtuosos.

Desconcerta a cidade quando indaga sobre as virtudes e seus representantes. Diz aos habitantes da cidade: *“as virtudes precisam ser expostas ao sol, devem ser rasgadas e despedaçadas, para que no jogo que se joga nessa cidade seja possível verificar o que sobra.”.*

O que sobra tem a ver com o bem e o mal, que a virtude tenta superar, mas só consegue esconder. O que está escondido é que precisa ser buscado, assim como não basta amar o próximo, é preciso amar o que está distante. O próximo nos molda aprisiona-nos, o que está longe pode indicar uma novidade. O bem e o mal não têm síntese e enfrentamento, são dois temperos dos vivos e até dos mortos. As cidades não se livrarão deles, nem essa, a república instaurada.

Como formar os habitantes da cidade diante do Bem e do Mal ?

Para formar é preciso conhecer os métodos que escolhemos. Para Zaratustra a forma de conhecer implica a genealogia, este lento trabalho de escavação dos nomes, dos tecidos

mais superficiais até os mais ocultos. A genealogia é uma história das interpretações que deve ser escavada para verificar a emergência do aparecimento de um conceito e a proveniência de um valor.

A condição para o dizer é uma condição polifônica, todo texto abriga muitas vozes.

Contudo as dinâmicas de vida da cidade insistem com as ditas mais legítimas e esquecemos e/ou silenciemos outras formas de viver. A genealogia se dirige para o silêncio das práticas vividas.

Diferentemente de Sócrates, Zaratustra opõe-se a qualquer essência e origem considerando seu conteúdo metafísico. Neste lugar defende o perspectivismo, ou seja, considerar que as coisas dependem de uma interpretação e cada uma delas em parte fala do objeto. Quanto maior o número de perspectivas, de olhares mais temos condição de dizer algo sobre a realidade. No caso mais podemos entender formas de viver e formar em uma cidade. O mundo é passível de conhecimento, podendo sempre receber outras significações. Seria possível afirmar que a genealogia deseja estabelecer uma crítica à moral universal, e nos desafia a pensar o próprio valor dos valores morais. Significa afirmar que pensar é um constante devir, não existe um porto seguro que por fim tudo acomode. As cidades perfeitas, os modelos de formação ideais simplesmente não são reais.

E a tradição em que medida dirige a vida dos habitantes da cidade?

Nenhum conhecimento sobre o mundo está destituído de um tensionamento de forças e interesses e este chão artesanal e belicoso da produção humana é que precisa ser conhecido. Neste esforço, a crítica de uma vida sempre antecipada segundo padrões universais é também uma retomada de outra tradição, pautada pela história de outras formas de viver que ficaram silenciadas.

Nestes termos, a crítica de Zaratustra a República é uma crítica de fundo moral, sem converter-se em imoralidade, pois destaca a necessidade de transvaloração de todos os valores. Este é um movimento constante: a disputa, um devir-valor que sempre estará entre nós para ser problematizado enquanto perspectivas do mundo em processo.

A crítica necessita de um espírito livre que é aquele que pode pensar contra seu tempo, pode pensar de modo diverso do que se esperaria, mas com a mesma densidade de quem

retoma ao que está posto pela tradição. Zaratustra ao adentrar a República é um espírito livre que deseja na praça lembrar de outras tradições, mas parece não ser ouvido. Contudo escapar da tradição em vigor implica conhecê-la, dando à ruptura uma conotação de alta responsabilidade.

Mas a verdade apresentada na cidade como melhor não percebe sua violência uma vez que introjetou uma ideia de verdade moral e, portanto, benéfica ao homem e seu esclarecimento. Esta postura deteriora a vontade de potência e a afirmação de vida, pois ajusta os indivíduos a uma sociedade e impede a exposição de outra forma de viver.

Zaratustra quer ser guardado *de memória*. Guardar de memória significa ter desejado grudar em si o que ficou compreendido não para repetir, mas para viver e experimentar. Nem tudo está na memória, fica aquilo que merece lugar porque tem qualidade. Diz Nietzsche:

Aprendi a andar; desde então corro. Aprendi a voar; desde então não quero que me empurrem para mudar de lugar. Agora sou leve, agora voo; agora me vejo no alto, acima de mim, agora um Deus dança em mim. (2007, pg. 60)

Viver para Zaratustra, implica dar intensidade à vida, com espírito criador. Intensidade para não apostar em um ser humano que faz promessas, mas em alguém capaz de fazer experiências. A relação com a vida, nascida do caos e estruturada por múltiplas versões capazes de nos fazer viver apesar do caos: conseguir viver diante do caos e das mil e uma faces da vida.

“Não se passa nada no real que corresponda rigorosamente à lógica” (Vontade de Potência I). Assim, diz Granier (2009), o conhecimento deve se contentar em ser um minucioso e paciente deciframento, sob a forma de ensaio, avançando em medidas homeopáticas, mas cruciais, para dizer o que é possível dizer evitando tudo explicar, tudo provar. Precisamos nos livrar do Todo, perder o respeito mesmo, pois produz espíritos cativos, para então dar espaço a um espírito livre, que pensa diferentemente do seu tempo.

O espírito livre e a capacidade de suspeitar

Espírito livre e intérprete parecem faces de um mesmo sujeito. Aptos para ensaiar a vida sem dar as costas aos valores que a tradição estabeleceu, seja para afirmar como para recusar. Sem essa cultura de fundo o espírito livre e o intérprete são engolidos pela sedução de uma proposta idealizada e supostamente generosa.

Ao anunciar o espírito livre Zaratustra afirma outra atividade humana diferente da confiança que é a suspeita. Suspeitar a golpes de martelo, destruir ídolos, colocar em questão nossa maneira de pensar, agir, sentir e valorar. A verdade não é o oposto do erro. Redefine o bem e o mal sem imaginar que, seja preciso, escolher um deles, mas antes pensar a partir deles. Lança um convite a todos: questionar-se sem cessar.

Da genealogia e do espírito livre vem a condição para tentar decifrar o que ficou inventado e legitimado para então ser enfrentado ou afirmado. Sem esquecer que o empenho exige também uma arte – a arte de refletir – tarefa humana de muito tempo, ensinada e aprendida de muitas formas, banalizada tantas vezes, e que sempre deve ser buscada novamente em outro processo de formação para sempre que possível e necessário alargar e qualificar o que se diz sobre a alma humana, especialmente no campo das práticas do bem viver.

O folhetim de Zaratustra

E o texto de Zaratustra espalhado pela cidade diz: *“vim para que vos canseis das palavras alheias, construídas por esses insensatos, existem outros nomes, outras ideias”*. Os valentes são importantes nesse processo, mas não basta manejar uma espada, é preciso saber a quem ferir. Viverei nessa cidade para ferir a quem imagino deva ser enfrentado. Anuncio meu intento, espero ter interlocutores.

De imediato as reações começam: que sujeito é esse que ousa apresentar-se assim? E tem início a construção da ideia de perigo e de justiça.

Zaratustra entende de imediato que aquela multidão vê nele um perigo e impõe sua voz:

- O que temem vocês? Ouçam primeiro o que desejo compartilhar, pois amo o ser humano, mas amo aquele que suporta a corda do abismo, pois sabe dos riscos em parar e também se decidir continuar. Amo os que sabem viver e padecer, pois quando padecemos conhecemos nossas mais clandestinas “virtudes”. Amo todos que apontam suas flechas de desejo para outras margens, fora do já conhecido, além do permitido. Amo aqueles que trabalham e inventam para erigir outras e novas moradas e condições humanas. Amo aqueles que querem viver ainda e não mais. Amo aqueles que suportam carregar poucas virtudes, pois em demasia elas são um perigo e um risco. Amo todo aquele que desenvolve o espírito livre que permitirá suportar e dispensar os elogios e as dependências. Como podem ver não estou aqui para evitar o

conflito, mas falar do seu disfarce quando imaginamos administrá-lo pela ordem e pelo Ideal.

Diz ainda o personagem estranho da cidade:

-Desci das montanhas, depois de muita solidão, uma solidão positiva e que me fez desejar de novo conviver. Mas também falar e expressar o que vivi e refleti em tempos de recolhimento. Desço agora como um bailarino que deseja falar dos seus novos passos, das outras danças, do fogo que nos mobiliza para viver mais intensamente. Anuncio outro homem, aquele que não esqueceu sua vontade de poder e saber.

A cidade fica envolvida com duas danças: a do acrobata que já estava em cena e foi o motivo da reunião da multidão na praça e a dança de um estranho que ao ritmo de suas palavras fala e anuncia o que parece tão inusitado.

A multidão assiste, contempla, ouve, assusta-se, mas parece que até a curiosidade cansa e tudo se dissipa, esvai-se. Instala-se um sentimento profundo de frustração naquele que resolveu descer das montanhas para encontrar a multidão, mas acaba só. E, por fim, um conselho:

- Saia da cidade, muita gente aqui não gosta do que dizes e falas. Mas especificamente os bons e os justos te odeiam. Tiveste sorte que a população não te levou a sério, mas corre riscos.

Zaratustra se afasta. Recolhido, sossega e pensa.

O estranho sempre nos ronda

A cidade, ou melhor, seus representantes, também param e pensam sobre o significado desse estranho. A primeira investida: descobrir de onde vem esse homem. Descobrem que é oriundo de uma montanha, habitou uma caverna, e reconhecem que esse homem deve ter sido enviado pelos deuses para por à prova a verdade da cidade. Trata-se da prova da caverna em outra dimensão. Reaparece na cidade o corpo da sombra que só conhece a caverna e que precisa do contato com a luz. Ele veio para testar os métodos e por fim firmar a cidade em sua concepção e competência. Assim, os sábios decidem tornarem-se interlocutores para salvar esse novo habitante e ao fim e ao cabo salvar a cidade e sua verdade. Esse estranho precisa ser corrigido e salvo.

O estranho que em seu próprio estilo denuncia a incapacidade de um projeto universal, por outro lado parece promover no outro um desejo e correção visando um ajustamento. Mais uma disputa, mais um jogar – se na vida para disputar espaços para viver. As vezes o esgotamento na luta , outras vezes a definição de estratégias de sobrevivência.

O estranho habitante da república em seu isolamento já tomou uma decisão ao perceber que tomou a forma de um pastor ao falar a multidão. Esse não é seu desejo; pelo contrário, deseja enfrentar e acabar com a lógica do rebanho. Apesar disso foi seduzido por ela, mas entendeu a tempo e escapa. Não quer mais contato com a multidão, talvez a possibilidade esteja na riqueza de encontros menos “volumosos”, mais densos e significativos. Enfrentar a cidade e seus modelos converteu-se em militância caindo na armadilha da promessa. Zaratustra detesta os melhoradores da humanidade capazes de domesticar os instintos mais naturais em nome de um projeto de formação. Cabe agora anunciar sua retirada.

O êxodo de Zaratustra

Um encontro é marcado para que os diálogos possam ser iniciados entre esse novo cidadão e os guardiões da cidade. E a República ganha outros textos, outras palavras, outros nomes que compartilho com o leitor. No que resultarão talvez seja questão menor, mas os registros da cidade são alargados, pois não se pode mais tirar dos arquivos e da memória da cidade o que se sucedeu nesse tempo e entre corpos de sangue e alma.

A primeira indagação dos guardiões:

- Como é tua caverna, o que consegues ver nesse lugar? Afinal, já não vives mais nela e queremos te convidar para habitar outro espaço muito diferente.

Zaratustra responde:

- A caverna que habitei não foi o que restou, o que sobrou fazer. Estive lá para esquecer a cidade que já conhecia. O que vejo dentro da caverna é a estreiteza da cidade que conhecia. Desejei ficar fora de área, fora de serviço, pois o serviço que prestava à cidade me cansou. Portanto não desejo voltar, ou pelo menos não desejo voltar para continuar cumprindo os anseios da cidade, voltei para desarranjar as virtudes e não vou desistir.

-Trata-se, portanto de um enfrentamento?

- Não, trata-se de conservação, ou melhor, preservação, mas não necessariamente da cidade, senão do homem. Talvez melhor, trata-se de superação do homem, superação da obediência, dos ajustes, da verdade.

- Estamos então definindo as fronteiras de um combate, uma vez que de agora em diante você representa um perigo à cidade.

Talvez não seja um embate, uma guerra, mas um amplo palco que se instala para apresentar textos diversos, nomes próprios, crenças e perspectivas sobre o que significa viver. A cidade que recebeu o estranho tem agora um desafio: pensar seu ideal considerando outros parâmetros.

E a primeira indagação a Zaratustra já estabelece algumas fronteiras:

- Afinal, qual o teu objetivo? O que desejas anunciar?

O estranho habitante responde:

- Minhas diferenças implicam outros olhares, algumas aprendizagens que pude desencadear contemplando as cidades de longe, no recolhimento e na solidão. Nesse exercício fiquei seduzido pela mesma vontade e de repente me vejo desejando convencer, profetizar. Em tempo percebi que não era esse o caminho, a multidão não é um grande aliado para o diálogo. Talvez a possibilidade esteja em encontrar interlocutores, que escutam e que falam fazendo fluir e dançar nossos pensamentos. Mas aponto agora ainda que brevemente o que me distingue e o que poderia ficar estabelecido como motivo para um diálogo: a dimensão do corpo, das alegrias, das paixões, de ler e escrever, dos ídolos, das guerras.

Desprezar o corpo é desprezar a vida, a nossa única verdade, a grande razão. É preciso escutar o corpo, os sentidos, ele não nos ameaça, mas nos empolga e nos dá prazer. Saber habitar um corpo é em parte a grande sabedoria. Por certo há mais razão em nosso corpo do que em nosso melhor conhecimento. O corpo não necessita de rédeas para evitar o pecado, o corpo precisa de saltos pretensiosos e de grandes voos. Das paixões nascem as virtudes e por isso não temos como antecipá-las, formá-las, elas se constituirão simplesmente. É por nossas virtudes que pereceremos.

A cidade cria ídolos para nos prender, para nos fixar, para criar dependência e apego. Nada pior que a máxima: “Eu, Estado, sou o povo”. Mentem sobre seus apetites de poder,

sobre os significados de bem e do mal, sobre sua vontade de dirigir e comandar. Mas somos muitos, e para as multidões basta o Estado, infelizmente o lento suicídio da capacidade de viver.

O Estado precisa de obras, de monumentos, tronos, protocolos e disputam tais coisas como loucos. Por vezes o trono já está na lama, preferem a lama a uma condição sem fama. Os espaços parecem cheios, todos parecemos tomados desse cheiro, convencidos por esse encanto. Mas tem espaço livre para as almas grandes, existem lugares vagos, na solidão está uma saída: “bendita seja a modesta pobreza!”. Onde acaba começa a ponte que pode nós levar a outra vida.

Até agora fomos domesticados e cuidados por um monstro que diz nos proteger. E para que fôssemos convencidos disso aprendemos a ler e a escrever. Mas o saber não nos quer comportados, quer sejamos despreocupados, zombeteiros, imperiosos. A sabedoria é uma mulher e nos quer ver como guerreiros e não submissos. Somos camelos carregando a palavra e o conceito do outro, outro meio asno que carrega o que interessa visando a dirigir e a criar consciências. É preciso ser um pouco louco para enfrentar estes asnos e toda loucura tem um quê de razão.

- Estão declaradas algumas ideias, compartilhei com a multidão que riu e zombou e não ouviu. Acabei compreendendo que queria profetizar, tomando como caminho o rumo que me indignava. Agora, diante de vocês percebo isso melhor ainda e não quero prosseguir. Quero soltar a palavra dos nomes para não me deixar prender pelos sistemas. A plenitude da minha solidão quase me captura. A vontade de superar o niilismo instaurado pela suposta morte de deus me fez profeta. Fracassei e assisti a uma multidão desejando repetir os valores aprendidos. Parece que é longe da praça, das multidões, dos palcos, da fama que os criadores de ideias podem sobreviver.

Os guardiões da cidade se escandalizam e sustentam a sua tese de que esse estranho é uma ameaça e um perigo para a ordem da cidade. Parece não ter correção esse sujeito. Não há diálogo, mas necessidade de estratégias é a hora da guerra para vencer o inimigo e isso é toda prioridade.

Zaratustra suspende a vontade de correção dos guardiões da cidade e antes de iniciar o processo é o estranho habitante da cidade que se retira para voltar a cultivar a si mesmo na própria solidão.

Da ficção para a realidade: o que retirar desta travessia?

Nesse ponto do texto esgota-se o diálogo e ficamos diante de um estranho e de uma cidade. Sempre de novo e como tantas vezes. Não há final feliz, não há moral da história. Para os angustiados por desencadeamentos lógicos anuncio apenas que o texto finaliza uma abordagem para desencadear outras.

Como leitora do texto do estranho habitante e como descendente da cidade metafísica atravessada pela condição de educadora cavo agora um lugar para falar, pensar e ensaiar uma dança. Abandono as cenas anteriores e elas ficam livres e soltas, sem amarras e finais lógicos, mas continuam provocando minha reflexão.

Nietzsche, no livro *Zaratustra*, desenvolveu em grande parte sua perspectiva apolínea. Basta lembrar do seu desejo de anunciar, de dizer o que descobriu na solidão para que a multidão se reorganize. Mas ele quer ser trágico e para isso não basta a medida do novo olhar, precisa descobrir a vida como único critério de valor. Afirmar a vida exige retomar Dionísio e com ele a possibilidade de estabelecer novos valores para tecer fios entre Apolo e Dionísio para realizar uma filosofia trágica.

Na obra, *Zaratustra* opta não mais em falar para as multidões, mas para pessoas as mais dispersas possíveis e dialogar sobre suas ideias que implicam a prudência, a verdade e a mentira, a poesia, o conhecimento, virtude etc. O que agora está na pauta é estabelecer comunicação, produzir movimentos para fazer dançar o pensamento, sem grandes expectativas.

Nesse novo tempo *Zaratustra* vai ter muitos encontros, será provocado por muitos personagens e da montanha e da caverna deixa-se provocar para continuar a pensar. Indagado sobre a felicidade, é convidado a pensar sobre ela e enxerga a dupla face desse sentimento, que é a mesma ambiguidade da angústia. Nesse caminho, o que se encontra é a inevitável condição da vida: dor e prazer. Afinal, encontra a tragédia como condição e fôlego para entender a vida.

O que de fato temos quando estamos habilitados a ver? O que nos falta quando não enxergamos?

Como educador, o que efetivamente vemos, reparamos?

Quais são as inevitabilidades do processo educativo? Viver educação implica sorrir e chorar, prazer e dever. Memória e imaginação. Miniatura e Imensidão. Hábito e ruptura. Tradição e modernidade. Escrever pode significar dançar; dar aula é mais do que didatizar; avaliar supera a necessidade de expressar resultados e desempenhos. Somos rápidos em questionar o excesso de racionalidade sobre nós, mas não percebemos o quanto usamos de racionalidade sobre os outros, colocando por vezes a beleza em segundo plano.

A beleza depende da ação criadora que se dá no corpo, na mão, na boca, no pensamento, no acolhimento do outro e, portanto, pode produzir experiência estética. Esta parece ser a necessidade: evitar separar o sensível do inteligível.

Precisamos enfrentar nossos hábitos. Uma invenção abre espaço, alarga, aprofunda não se conforma com as molduras convencionais e a marteladas (como diz Nietzsche) procura cavar outros espaços para a imaginação e a experiência estética. E essa experiência pode ajudar o campo da educação a compreender o sujeito como uma totalidade sensível, racional, previsível e tantas vezes imprevisível. Pensar a sala de aula, os processos educativos considerando que tanto Apolo como Dionísio (isso é inevitável) habitam entre nós indicando desejos, medidas, critérios, valores, avessos, mas acima de tudo gosto pela vida.

Um dos desdobramentos da experiência estética proposta por Nietzsche talvez esteja expressa nas três transformações contempladas pelo autor na obra aqui abordada.

Para Nietzsche é o espírito que se transforma e conhece três imagens: o camelo, o leão e a criança. O camelo carrega o que é pesado, sólido assim como os espíritos que se deixam sobrecarregar, pois ensinados que foram a tomar todas as cargas, as suas, dos outros. E lá vai o camelo pelo deserto, em geral carregando mais do que deve, precisa e merece. Quantas vezes vivemos essa condição e carregamos o nosso e outros tantos deveres. Ficamos exaustos, e por vezes ficamos sós. O camelo incorpora à máxima “tu deves” e imagina que é essa sua função. Não tem saída. Mas a experiência estética vem da ruptura, do cansaço, da indignação, do peso e se converte em resistência transformando-se em leão, cuja máxima é “eu quero”. Não preciso, não devo carregar todos os pesos, mais do que suporto. O leão ainda não criou outro valor, mas cria um espaço para uma nova criação. Para dizer não ao dever, ao peso é necessário ser leão.

A metáfora do peso também deseja testar o homem: o quanto de peso consigo carregar. Parece que a metáfora encarna vários sentidos e possibilidades. A questão do peso nos acompanha sempre, e em parte devemos testar suas possibilidades para decidir o que preservar e o que dispensar.

Indignar-se, rejeitar o estabelecido, desobedecer é também uma atitude estética. A condição do leão é insustentável, sobrevive temporariamente e cria outra possibilidade: a condição da criança.

Assim, o que poderá fazer a criança que não tenha sido feito pelo leão?

A criança é a inocência e o esquecimento, um novo começo, movimento, afirmação, disposição. O espírito quer sua vontade e vontade de criação está na criança.

Como educadores, certamente somos por vezes camelos e leões. Mas estaríamos exercendo nossa condição de criança? O que andamos inventando?

A criança e o espírito criativo

Como são nossas salas de aula? De onde vem a luz, os sussurros, o silêncio? O que está impedindo os movimentos do corpo e da mente? Tem espaço para o devaneio? Tem porões clandestinos? Que itinerários estão registrados nos caminhos que a sala de aula viabilizou? O espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha.

O espaço é um lugar que dá ao ser humano razões para viver. Para habitar é preciso construir. E a construção nunca é plena, sempre estamos a desejar outra configuração que nos move e encanta. Existe lugar para os espíritos livres? A dissonância tem lugar, o espaço é arejado? O que me impede de sonhar e imaginar nesse espaço? Onde estão as rachaduras? Nossa visão não pode ser gulosa, ver mais do que existe, colocar no aluno o que lá não está. O riso irônico nem sempre pretende o constrangimento, o corpo que mexe não é deseducado, a voz que alardeia nem sempre quer interromper.

A capacidade de interpretar é plural, o que proíbe a totalização do triunfo de uma interpretação. Segundo Nietzsche é preciso “perder o respeito pelo TODO”. Talvez esse tenha sido o esforço de Zarathustra ao resolver adentrar o interior da República e nesse esforço faz sempre de novo um convite a todos nós para que habitando espaços pretensamente assépticos e bem definidos não nos deixemos capturar pelo Todo, para a exemplo do nosso protagonista

continuar indagando-se sobre as configurações materiais e práticas que dizem ser as ideais nas instituições escolares.

Essa parece ser uma provocação interessante para educadores, habitantes de espaços institucionais que parece deveriam preservar sua condição de curiosidade para pensar as práticas para entender o que elas indicam e assim decidir sobre a pertinência de enfrentá-las ou não.

O educador em nosso país certamente pode falar da dor em suas mais diferentes dimensões. Como efetivar uma plasticidade artística a esse mundo estranho no qual estamos inseridos? Como organizar o caos e dar estilo a uma vida decorada, artificial pelo comum e único? Como, seguindo as reflexões de Meléndez (2006), desmoronar a cultura decorativa? E acrescento: como desmoronar a cultura artificial da educação que dissemina discursos únicos, apregoa a justiça e dá visibilidade apenas ao comum?

A criatividade para enfrentar o medíocre

“O que é medíocre no homem comum?”, segundo Nietzsche, é a falta de compreensão da outra face das coisas; nem sempre o caráter típico de uma coisa dá conta de falar sobre ela, mas dá conta de abolir o que existe além dela. Nessa direção Nietzsche é tão intrigante, pois vai afirmar que não basta a contraditoriedade e nem a multiplicidade de perspectivas para deixar de ser medíocre. Ampliar pode significar fragmentar e pode fazer o indivíduo perder-se e não vencer o máximo de diversidade, ficando sem estilo.

O estilo advém de nossa capacidade de esbanjar vida para continuar interpretando o que insiste em nos ajustar. Retorna aqui o conceito grego de cultura, a saber, uma equação que implica o viver, o pensar, o parecer e o querer. Disso surge outra natureza, mais sofisticada, que enfrenta nossa primeira condição e faz desmoronar a cultura decorativa.

Nietzsche, em seu Zaratustra, faz a defesa deste princípio: da terra, do corpo, de um pensamento enraizado na experiência. O desafio está em tomar esse corpo e vir ao mundo, tomar a ciência e conhecer o que nos circunda e ainda que possamos ensaiar uma espécie de vivência com a sabedoria, a boa aprendizagem será aquela que concluir que o sábio é quem está repleto de contradições, que não imobiliza, mas é o motor do devir em termos de formação. São nossas fissuras, franjas, rasgos, avessos, e também nossas narrativas, palavras e ideias que dão o tom da necessidade de transvaloração dos valores. E essa não é uma mágica,

mas o grande empenho humano pela vida. É o martelo que volta à cena. O encontro do martelo conosco mesmo.

Numa espécie de ação cirúrgica precisamos de uma abertura firme e corajosa para adentrar o interior e preservar a vida em sua exuberância. A ficção utilizada no texto - fazendo Zaratustra adentrar a República de Platão deseja desafiar a nós todos a pensar sobre as inserções que andamos concretizando. Verificar limites, e produzir uma espécie de coragem para proclamar possíveis insatisfações.

Aventuro-me a provocar: Como o educador faz o ensaio de sua própria vida? Qual a possibilidade de fazer o cultivo de si nessa perspectiva? Que experiências desejaria o educador?

O educador é em parte um representante desses fragmentos oriundos de um espírito livre, pois vem ao longo do tempo resistindo à sedução de muitas totalidades. Não são todos, talvez nem a maioria, mas eles estão aí, resistindo. Usam de seus martelos para afirmar um estilo de ser educador, por vezes avesso aos apelos institucionais, aos projetos político-pedagógicos. Desejam dar a si mesmo um estilo, encontrar e afirmar uma justificação estética para a própria existência, dar lugar a uma prática menos apressada, suportar o silêncio para que o pensar esteja vivo. A vida na escola pode fazer muito sentido, mas ela exigirá outros temperos e o enfrentamento de muita mediocridade, de muitas totalidades ao mesmo tempo em que exigirá que o uso do martelo possa criar outra grandeza a tal ponto estética, que seja possível desejá-la viver infinitamente em razão de sua exuberância e de sua vibração. Talvez sejam os pontos possíveis que aparecerão em alguns lugares, em uma constelação (MARTON, 2006) inspirada em Nietzsche, e façam fluir a vida de educadores que, erguendo vozes dissonantes, estabeleçam outros horizontes para a educação.

Referências:

GRANIER, Jean. **Nietzsche**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**. Danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

_____. **Nietzsche & a Educação**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTON, Scarlett. (Org.). **Nietzsche abaixo do Equador**. A recepção na América do Sul. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Unijuí, 2006.

MELÉNDEZ, Germán. Homem e estilo em Nietzsche. In: MARTON, Scarlett (Org.). **Nietzsche abaixo do Equador**. A recepção na América do Sul. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Unijuí, 2006.

NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Ecce homo**. Como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NOVAES, Adauto. (Org.). **Artepensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.